PAULA, Luciane de; SIANI, Ana Carolina. Gênero, raça e classe em Harry Potter: a constituição dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrange. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.47-74, 2019. (ISSN: 2317-1006 - online).

GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM *HARRY POTTER*: A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DE HERMIONE GRANGER E BELATRIZ LESTRANGE

GENDER, RACE AND CLASS IN HARRY POTTER: THE DIALOGICAL CONSTITUTION OF HERMIONE GRANGER AND BELATRIZ LESTRANGE

Luciane de Paula[1]
Ana Carolina Siani[2]

Resumo: O presente trabalho propõe refletir acerca da construção dialógica de Hermione e Belatriz, em *Harry Potter* (*HP*). O objetivo é pensar acerca da construção de imagens de mulher, tomadas na relação que possuem com o protagonista e o vilão, representantes do universo hierárquico masculino e vértices de poder. Entendida a obra como enunciado em seu caráter ativo-responsivo, fundamentado nos estudos dialógicos produzidos pelo Círculo de Bakhtin, este artigo se debruça sobre como as relações de gênero, raça e classe/grupo constroem identidades e alteridades de mulheres em *HP* de maneira contraditória. A relevância de tal estudo se justifica ao se considerar o quanto o universo pottereano reflete e refrata valores sociais que revelam uma configuração sócio histórico cultural sistêmica (patriarcal capitalista).

Palavras-chave: *Harry Potter*; Enunciado; Mulher.

Abstract: The present work proposes to reflect about the dialogical construction of Hermione and Belatriz, in *Harry Potter* (*HP*). The goal is to think about the role of these women, taken in the relations they have with the protagonist and the villain, representatives of the hierarchical universe male and vertices of power. Understood the work as a concrete enunciation in your active-responsive character, based on the dialogical studies produced by Bakhtin's Circle, this article looks at how gender, race, and class relations build identities and otherness of women in *HP*. The relevance of such a study is justified when we consider how much the potter universe reflects and refracts social values, what reveals a historic patriarchal cultural configuration.

Keywords: Harry Potter; Enunciation; Woman.

Introdução

A série literária *Harry Potter*[3] (ROWLING, 1997-2007) é entendida aqui como enunciado estético ancorado no solo social que reflete e refrata um horizonte ideológico (VOLOCHÍNOV, 2009; MEDVIÉDEV, 2012). A reflexão apresentada tem como objetivo pensar as relações de gênero, raça e classe/grupo[4] estruturadas em *HP* em

[1] Professora Assistente Doutora da UNESP - Universidade Estadual Paulista. Lotada na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Assis e credenciada no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP) da FCL - Araraquara. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com.
[2] Doutoranda pelo PPGLLP da UNESP - Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Araraquara, bolsista FAPESP (Processo nº 2017/27061-0). E-mail: anasiani@outlook.com.
[3] A saga *Harry Potter* também conhecida com a grafia abreviada *HP*.
[4] Não entraremos, neste artigo, por falta de espaço e por não ser o nosso objetivo, na discussão sobre classe e grupo social. Sabemos que se referem a concepções sociológicas distintas e, por isso, em vários momentos, assumimos a designação classe/grupo. Em outros momentos, tratamos, de fato, de classes (quando nos referimos à classe dominante, por exemplo) e, em outros ainda, de grupos (quando nos referimos aos grupos de bruxos, ao grupo das mulheres etc).

consonância com as configurações do mundo, tendo como foco Hermione e Belatriz[5]. Em outras palavras, compreendemos as relações racistas, patriarcais e capitalistas em *HP* como materializações sígnicas entre grupos explicitadas nos discursos.

Essa reflexão analítica está fundamentada na perspectiva dialógica bakhtiniana de linguagem e também nos estudos de Saffioti. A proposta é pensarmos a relação capitalismo-patriarcado-racismo como o nó que sustenta a dominação do homem branco e da classe dominante sobre homens da classe trabalhadora, brancos e negros, mulheres de ambas as classes e diversas raças. Esse nó é o centro motriz das estruturas de poder sistêmico. Tendo em vista o que nos explica Saffioti (1987), ressaltamos a potencialidade dialógica dessas noções entremeadas. Por isso, neste artigo, elegemos duas mulheres (Hermione e Belatriz) para pensar essas relações, no diálogo que elas estabelecem entre si, com o protagonista (Harry) e o antagonista (Voldemort) da obra.

Trabalhamos com a obra literária completa, em português. O material como *corpus* de análise é composto por excertos retirados dos setes volumes da série literária: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

Os excertos selecionados como objetos de análise deste artigo foram destacados pela expressividade dos fios que compõem o nó ao qual Saffioti se refere. Não pensamos em um volume específico. Ao contrário, trabalhamos com a obra toda, a fim de dar conta de sua unidade arquitetônica, pois nos interessa ver que as questões de gênero, raça e classe/grupo se encontram ao longo do romance, o que nos possibilitou olhar para a complexidade e as contradições que caracterizam as relações e os sujeitos.

Importante frisar que o narrador dos livros descreve tudo a partir da ótica de Harry e isso constrói um sentido contraditório no texto (sobre o qual não nos debruçaremos aqui, uma vez que não é o objetivo do artigo): a autora-pessoa, uma mulher, criou um narrador em terceira pessoa que conta os eventos da saga a partir da perspectiva do protagonista, um homem. Criou, dentre outras, duas mulheres fortes (Belatriz e Hermione) que se constituem de maneira ambivalente, pois são, ao mesmo

[5] A utilização do registro do nome Belatriz (e não Bellatrix, como encontrado na versão inglesa e como a personagem é chamada nos filmes) ocorre porque estamos sendo fiéis a como o seu nome está grafado na versão por nós eleita como objeto de estudo. A versão em português possui o hábito de modificar/traduzir nomes de várias personagens e esse é o caso de Belatriz.

tempo, empoderadas e submissas, como veremos. A autora se projeta em Hermione e a desqualifica (com isso, desqualifica a si mesma), pois diz que ela era uma estudiosa pedante (como se Hermione e a própria Rowling se reduzissem a isso). Muitos leitores se perguntam o motivo da saga não receber o nome de Hermione Granger, uma vez que é ela quem resolve a maioria dos conflitos, mas o herói é Harry Potter. Essa contradição se desdobra na obra pela ambivalência típica do patriarcado.

O signo[6] é ideológico e a linguagem reflete e refrata uma realidade a partir do horizonte valorativo dos sujeitos, que expressam vozes sociais de grupos. Ao que concerne à caracterização e à descrição das mulheres da obra, há um machismo latente. Isso pode ser explicado tanto pela narração revelar o ponto de vista de Harry (nesse caso, a voz social machista estaria materializada pelo olhar do protagonista), quanto pelo machismo nos escapar (como toda ideologia). Nesse caso, a voz social do machismo revelaria as contradições socias que também permeiam a autoria.

O patriarcado se encontra expresso na estrutura narrativa do mundo bruxo, tanto nas hierarquias que remetem ao capitalismo, quanto nas descrições que se referem às etnias; e ainda acerca das mulheres, caracterizadas, ao mesmo tempo, por um lado, como sujeitos empoderados, que se posicionam no mundo dos homens, inclusive acima deles, em alguns casos, e, por outro, como seres demoníacos, histéricos patológicos, masoquistas e fascistas (caso de Belatriz) e/ou obedientes, bem comportados, inseguros e submissos, aos homens e ao sistema (caso de Hermione).

O enunciado literário: materialização estética valorativa da vida social

Focadas nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos do Círculo de Bakhtin, consideramos a obra literária uma produção ideológica, pois materialização da consciência social circundante do homem. A literatura, uma das várias formas da comunicação discursiva, ocupa um lugar singular na atmosfera social, uma vez que possui estrutura e funcionamento específicos (MEDVIÉDEV, 2012).

A obra literária reflete, em seu interior, o horizonte social de uma dada época, bem como refrata essa realidade, uma vez que a vida que adentra o romance não o faz

[6] Toda vez que o termo signo aparecer neste artigo, ele será entendido como signo ideológico, tal qual o concebe o Círculo: significante, significado, sujeito, história e valorações.

de forma direta, mas figurativizada de uma determinada maneira (forma composicional condizente com o projeto de dizer do autor-criador, configurada com dada arquitetônica). Baseadas em Medviédev (2012), podemos dizer que a literatura materializa a fermentação da psicologia social, por vezes antecipando a criação ideológica dos fenômenos que ainda não adentraram a oficialidade. Dessa maneira, cria signos e incorpora a vida nos termos da unidade literária, a partir de sua configuração.

Segundo Bakhtin (2011; 2014), a forma estética transfere a vida para um outro plano axiológico, pois ordena e enforma o ato ético com um acabamento. A singularidade estética se constrói como uma existência nova. A forma estética é expressão de uma relação com o mundo. Como responsabilidade ideológica, a atividade artística não toma uma realidade neutra e imparcial (inexistentes), mas a dinâmica tensa e complexa da vida: "[...] não vive nem se movimenta no vazio, mas na atmosfera valorizante, tensa daquilo que é definido reciprocamente" (BAKHTIN, 2014, p. 30).

O horizonte ideológico ordenado pela arte é vivo, complexo e tenso. Como afirma Volochínov (2009), a vida refletida e refratada pelo signo se dá sob constantes transformações sociais, ou seja, é constituída por conflitos ideológicos e marcada pelas relações tensas entre grupos e seus interesses, pois todo signo ideológico é um produto da história humana e em seu interior se encontram em embate valores contraditórios.

A noção da plurivalência do signo ideológico, que compõe o enunciado, deflagra seu caráter dialógico, ao mesmo tempo como evento único e elo na cadeia. Bakhtin (2011) ressalta o fato de que o enunciado comporta em si: "[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo" (2011, p. 297, grifo do autor).

O enunciado, materialização social fundante da língua, tem, no diálogo face-a-face, apenas uma de suas várias formas de realização. Desse ponto de vista é que a noção de diálogo é tomada de maneira ampla, como "motor" para todos os tipos de comunicação discursiva, constitutivo da linguagem (a linguagem é dialógica).

Bakhtin (2011) afirma que todo enunciado se relaciona com outras enunciações, com as vozes de outros sujeitos, de diferentes posições ideológicas e lugares sociais. Cada enunciado apresenta diferentes graus dessa heterogeneidade no processo complexo e ativo da comunicação discursiva. Cada falante é, antes de tudo, um

respondente participante do diálogo social e o seu enunciado é pleno dessas vozes na medida em que responde e ressoa nas respostas futuras. Segundo Volochínov (2013), essa orientação dialógica do enunciado é a força viva organizadora da sua estrutura, uma vez que forma e conteúdo são determinados pelas condições de sua produção.

Como o enunciado é ideológico, o discurso de uma obra literária (como o de qualquer outro gênero) não é isento de valoração. Ao contrário. A arte parte da vida e a ela se volta, com outra configuração, estética. A arquitetura específica da literatura reflete e refrata a vida social em sua estrutura linguística e translinguística. A obra literária (de todo tipo, não apenas o romance) integra um debate ideológico maior, que funda a reflexão acerca das estruturas sociais, a partir de situações narradas. A voz do autor-criador, enquanto participante ativo do diálogo social inconcluso da vida, ressoa no todo semântico da obra (BAKHTIN, 2014), com valorações por ele construídas.

No caso de *Harry Potter*, a estrutura social hierárquica de poder em seus embates de classe/grupo, gênero e raça, vinculados ao que é denominado pelo senso comum de "bem" e "mal". A resistência, associada à desobediência (subversão) às regras autoritárias, colocada como ato de rebeldia sadia, é premiada e incentivada por parte da comunidade bruxa, por um lado, assim como perseguida e punida por grupos conservadores que se encontram no poder, por outro. O valor positivo voltado ao questionamento, à crítica e à rebeldia coloca determinado grupo como "bom" e a subserviência e a conivência como covardia que classifica as personagens como "más".

A defesa de um desses lados-valores pela maneira como a narrativa é arquitetada pela autora-criadora revela seu posicionamento a dada voz, fortalecida a ponto de lutar contra tudo e todos e vencer até a morte. Isso produz um sentimento de fidúcia na mudança, a esperança de que é possível, mesmo com discriminação e preconceito, perseguição e punições as mais diversas, num sistema perverso e autoritário, hierárquico e fechado, abrir brechas, a fim de subvertê-lo e, com isso, reconfigurá-lo.

Esse posicionamento da autora-criadora se filia a uma voz utópica revolucionária que chama à luta para a construção de uma sociedade menos desigual e mais justa, que respeita as diferenças. Isso é colocado como o "bem", em contraposição ao "mal" totalitário, abusivo, violento, corrupto e intolerante vigente.

Em outras palavras, segundo Bakhtin (2011), o autor-criador se orienta no já-dito, sob a opinião pública e a concentração de vozes sociais que compõem o fundo

necessário para que seu ponto de vista ressoe na totalidade da obra. O objeto estético, em nosso caso, a série literária *Harry Potter*, materializa embates sociais, semiotizados nas/pelas vozes de suas personagens e seus conflitos no enredo, a partir de um movimento dialógico de valores que compreende tanto a arquitetônica da obra como um todo, na oposição entre "bem" e "mal", quanto a relação de alteridade que constitui os sujeitos a partir das hierarquias de raça e gênero que estruturam o mundo bruxo.

Aqui, refletimos sobre esse nó em Hermione e Belatriz para, a partir delas, pensar o todo significativo do enunciado literário, considerando o quanto, por um lado, algumas mulheres parecem reconfigurar o modelo "princesa"-bruxa-mulher, construídas como aparentemente empoderadas, ao mesmo tempo em que, por outro, permanecem como "segundo sexo" (BEAUVOIR, 2009), coadjuvantes dos protagonistas homens, de certa forma, amparando-os como servas, amigas e mães, sem vida longe deles.

O nó racismo-capitalismo-patriarcado da estrutura narrativa pottereana

A arquitetônica de *Harry Potter* se funda no nó que sustenta o sistema existente em nossas sociedades. A estrutura social do mundo mágico pottereano é marcada pelo racismo, pelo machismo e pela hierarquia. O eixo principal da narrativa segue as aventuras de Harry Potter, juntamente com seus amigos Hermione Granger e Rony Weasley. Essas três personagens, estudantes da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, protagonizam o enredo contra a retomada de poder do bruxo das trevas, Lord Voldemort, com seu grupo de súditos, dentre eles, Belatriz Lestrange.

Esse eixo narrativo principal é composto por relações raciais, genéricas e sociais, amarradas no que Saffioti (1987) denomina nó capitalismo, patriarcado e racismo, materializadas, no enunciado literário, na supremacia das raças, colocadas nas oposições bruxos e "trouxas"[7], bruxos de grupos sociais, logo, hierárquicos, distintos ("sangues puros"[8] e "sangues ruins"[9]), bruxos de gêneros diferentes (homens e mulheres), de etnias distintas e bruxos e outros grupos mágicos (elfos domésticos e duendes, entre outros). Esses antagonismos são constituídos por um discurso racista, que versa sobre a

[7] Termo utilizado para caracterizar as pessoas que não possuem poderes mágicos, os sujeitos não-bruxos.
[8] Bruxo nascido em famílias de bruxos por parte de pai e mãe, sem misturas.
[9] Expressão que caracteriza a miscigenação, o bruxo nascido em família composta por um dos pais bruxo e o outro "trouxa". A adjetivação revela a valoração.

superioridade dos bruxos "sangue puro" (em sua maioria, homens brancos e da classe dominante - daí, o nó com o patriarcado e o capitalismo ao qual se refere Saffioti - o que demonstra a construção hierárquica de poder na qual se estrutura e se sustenta a obra, mesmo que queira romper com ela) sobre todos os outros grupos mágicos.

A tese da supremacia (de certa forma, nazista, da pureza da raça) é defendida pelos sujeitos conservadores do mundo mágico, que se encontram no poder e o dominam. Muito embora a habilidade mágica possa ser aprimorada e aprendida por meio da educação dos jovens bruxos, a mesma é inata, uma vez que, dentro do universo da obra, existe o "sangue mágico", ou seja, uma genética mágica (força maior, "divina") que institui as relações e arquiteta o poder e a dominação. A partir da questão genética, os bruxos são valorados e constituídos intersubjetivamente a partir das marcas: bruxos "nascidos-trouxas", bruxos mestiços, bruxos sangue puro e abortos[10].

Essas identidades, constituídas a partir da alteridade, caracterizam as personagens em suas trajetórias ao longo do enredo. Os bruxos nascidos-trouxas e outros grupos mágicos subalternizados são os maiores alvos de preconceito, discriminação, dominação e exploração. O bruxo das trevas, Voldemort, antagonista de Harry Potter, é a voz mais representativa da ideologia da supremacia dos bruxos sangue puro. O vilão é motivado por uma busca pelo poder, e com seus apoiadores, os Comensais da Morte, tem como um de seus objetivos eliminar trouxas e nascidos-trouxas, bem como subjugar os outros grupos mágicos à sua autoridade (forjada por ameaças e demais atos autoritários bárbaros – o medo é o que impõe a hierarquia).

Voldemort não é sangue-puro, é racista e machista. Sua vilania é caracterizada pela disputa de poder. Ele compete com outros homens (Harry, mais especificamente, mas também Dumbledore). Disputa poder de classe (dominação político econômica) e, para isso, impõe a violência física como forma de dominação calcada no medo e na barbárie. Mas isso não lhe garante, mesmo que conseguisse o domínio econômico e político, respeito e prestígio, o que Harry possui, mesmo sem se encontrar (e até sem querer estar – não gosta de ser visto como alguém diferente, marcado – pela sua cicatriz – como "o menino que sobreviveu". Ele, sempre que pode, manifesta sua preferência

[10] Os "nascidos-trouxas" têm pais não bruxos; os mestiços, têm apenas um dos pais bruxo; e os "abortos" são de famílias inteiramente mágicas, mas não possuem magia.

pela "normalidade", por ser como os demais) num lugar de domínio político e econômico e é o prestígio social de grupo que Harry tem o que mais irrita Voldemort.

A relação entre raças denota distinções valorativas hierárquicas de prestígio ou não, inclusão ou exclusão sociais aos sujeitos, com funções de destaque ou marginalização, e isso constitui a sociedade pottereana como reflexo e refração político econômico social do mundo contemporâneo, representada por imagens de sujeitos mais ou menos estereotipadas, que arquitetam o que, com base nos estudos de Fanon (2008), pode ser entendido como um processo de racialização patriarcal do capitalismo, realizado por meio de uma essencialização que parte dos grupos dominantes (os sangue puro) para e sobre os grupos subalternos/dominados (os demais).

A diferença socioeconômica é uma clivagem que constitui a estrutura da sociedade (mágica e não-mágica, tendo em vista que, segundo o Círculo de Bakhtin, a arte reflete e refrata a vida) capitalista, vinculada à etnia e ao gênero.

O mundo bruxo pottereano possui um sistema financeiro e político autônomos. A hierarquia entre bruxos é nítida. Um exemplo é o contraste entre a família Weasley e a família Malfoy que, por similaridade, revela a supremacia do grupo e da raça dominante (classe alta e puro sangue) dos Malfoy sobre a classe dominada (baixa) dos Weasley, mesmo que pertencente ao mesmo grupo dominante (sangue puro). Enquanto os Weasley não possuem condição financeira de destaque, embora se caracterizem como um núcleo familiar de linhagem genética de bruxos sangue puro, a família Malfoy, também descendente de uma linhagem de bruxos sangue puro, possui muito poder, dada a sua condição financeira privilegiada. A hierarquia se constrói, então, com predomínio do econômico (classe) sobre a raça e o gênero.

A diferença econômica leva a uma diferença social e política, o que implica em atos que revelam posturas opostas. Os Weasley sofrem preconceito de classe, sobretudo por parte dos Malfoy, que condenam a aliança com os nascidos-trouxas e trouxas.

A situação financeira das famílias está vinculada ao cargo (político, inclusive) que seus membros ocupam no Ministério da Magia. Se Arthur Weasley (pai de Rony) é funcionário de baixo escalão da "Seção de Mau Uso dos Artefatos dos Trouxas", um departamento que tenta proteger, em certo grau, os trouxas, visto como menos importante pela maioria da sociedade bruxa, Lúcio Malfoy (pai de Draco, o aluno que se coloca como inimigo de Harry, por disputar liderança com ele e ter uma relação de

disputa, calcada, em especial, em admiração-inveja; e cunhado de Belatriz Lestrange) é um dos Conselheiros de Hogwarts e desempenha função de destaque no Ministério da Magia, bem como circula entre figuras importantes da estrutura social daquele mundo.

As famílias mais conservadoras, como Black e Malfoy, caracterizam-se pela grande linhagem de poder e são interligadas entre si por casamentos (uma prática que remonta à aristocracia – regime tipicamente britânico, onde se ambienta a narrativa e onde foi publicada a obra), com relações íntimas com o Ministério, consolidadas pelo poder econômico (com corrupção, indicações e trocas de favores).

Essa estrutura econômico, político, social denota sentidos ideológicos: o embate colocado como "bem" e "mal" entre ideias consideradas subversivas e conservadoras, machistas, racistas e de classe/grupo, amparadas pelo mote da tradição familiar, que sustenta o poder e mantém o sistema, calcado em diferenças e preconceitos.

Nesse emaranhado, como são caracterizadas as mulheres nesse mundo? Para responder a essa questão, este artigo se propõe a refletir acerca das duas mulheres que mais se destacam ao longo de toda a narrativa: Hermione e Belatriz.

Um dos sujeitos é uma mulher-bruxa nascida-trouxa, com características afro, que luta contra a estrutura purista: Hermione Granger. De certa forma, ela sustenta o trio de protagonistas e desvenda os enigmas para Harry finalizar as tarefas; o outro, uma mulher-bruxa sangue puro, branca, aristocrata e militar, que se submete ao vilão e age por conta própria para garantir que a ordem dada seja cumprida, com métodos de tortura, típicos do clã ao qual se filia por identificação: Belatriz Lestrange.

Essas duas mulheres, apesar de defenderem valores e se encontrarem em grupos de lados opostos, têm características semelhantes: ambas são líderes e se destacam em suas funções, mas, por mais que estejam empoderadas, elas, ao mesmo tempo, também se submetem aos heróis da trama e ainda se encontram em segundo plano, como diria Beauvoir (2009), como segundo sexo, coadjuvantes dos protagonistas.

A narrativa de *Harry Potter* nos revela uma dada diversidade étnica existente na composição populacional do grupo bruxo (humanos), a partir de dadas descrições de características físicas das personagens, sobretudo a cor de pele. No entanto, isso não se revela no caso de algumas personagens, como é o de Hermione e de Belatriz.

A etnia de Belatriz fica pressuposta pela genealogia familiar. Ela é uma Black (o sobrenome da família não condiz com sua etnia), com linhagem sangue-puro e

valoração forte na descendência familiar, com árvore genealógica orgulhosamente exposta na parede da casa da família e tudo. Sua irmã, Narcisa e o padrinho de Harry, Sirius, seu primo, são descritos pela "pele branca como cera". A etnia de Belatriz fica entendida como de mesma linhagem (branca, o que condiz com sua postura purista).

A caracterização da identidade étnica de Hermione se dá pela descrição de seus dentes (grandes) e, especificamente, de seu cabelo (volumoso e crespo). Esses traços são ressaltados durante toda a saga, sendo, inclusive, motivo de zombaria por parte de alguns colegas, pois a personagem não atende a um padrão de beleza estereotipado (o branco). O preconceito com a raça é tamanho que a negritude de Hermione é sugerida, não é explicitamente nomeada (e, nos filmes, há um embranquecimento da personagem). Seria essa camuflagem uma estratégia para garantir a aceitação de Hermione por partes dos leitores? De todo modo, revela preconceito e discriminação.

A maneira sutil como as características afro são descritas na obra, sem a explicitação da cor da pele da personagem, deixa margens interpretativas a um leitor ingênuo. No entanto, há indícios significativos da ambivalência de sua etnia (inclusive com foco comercial). Ao mesmo tempo em que a personagem é descrita com cabelos "volumosos" e "crespos" (o que gera *bullying* de parte dos colegas contra ela, ainda mais sendo Hermione uma mulher inteligente, de destaque por seus conhecimentos na escola – o empoderamento é, então, sufocado pelo preconceito, tanto racial quanto de gênero), ela usa loção mágica para alisar os cabelos (dada a discriminação, tenta se enquadrar, embranquecendo um dos traços mais significativos de sua etnia, o cabelo).

Essa questão é uma tônica da obra, mas, no caso de Hermione, pela maneira como a narrativa se estrutura, a bivocalidade polêmica valorativa tende à hierarquia de vozes e a voz branca hegemônica tenta abafar a voz negra que nela se constitui pelas marcas do cabelo e dos dentes. Da mesma maneira que nada é dito de maneira incisiva sobre o assunto na narrativa, pouco se explora essa discussão nos debates de recepção da obra. Com os filmes, a etnia de Hermione foi embranquecida e os dilemas raciais por ela vividos no texto literário ficaram bastante apagados. O silenciamento é uma forma gritante (mesmo que isso seja um paradoxo) de cristalização de identidades: quando não se fala sobre algo, ele deixa de existir. Assim, a polêmica sobre a etnia de Hermione deixa de ser cogitada, pois passa a ser inexistente na superficialidade discursiva. Todavia, alguns excertos expressivos, à guisa de ilustração, demonstram a questão racial

pela descrição específica dos dentes e, mais ainda, do cabelo da personagem: 1. "Tinha um tom de voz mandão[11], os **cabelos** castanhos **muito cheios** e os **dentes da frente meio grandes**" (Livro 1, 1ª descrição e introdução de Hermione, p. 80); 2. "Era Hermione. Mas **ela não parecia nadinha com Hermione**. Fizera alguma coisa com **os cabelos**; **não estavam mais lanzudos, mas lisos e brilhantes** e enrolados num elegante nó na nuca" (Livro 4, p. 304); 3. "Os **cabelos de Hermione** tinham voltado a ficar **crespos e cheios**; ela confessou a Harry que usara **quantidades generosas de Poção Capilar Alisante** para ir ao baile" (Livro 4, p. 318). (Grifos nossos)

Muito embora não tenhamos uma menção direta à cor de pele ou etnia de Hermione, seus cabelos crespos e volumosos se destacam como um elemento revelador de sua identidade étnica. Sabemos o quanto o cabelo é importante para as culturas de matrizes africanas e o quanto ele é alvo de preconceito referente à raça. As designações que qualificam o cabelo afro (tais como "cabelo ruim", "pixaim", "cabelo duro", "cabelo de preto", entre outros) revelam discriminações muito violentas. Essa caracterização (do cabelo crespo e volumoso com os dentes da frente grandes) somada ao preconceito que Hermione também sofre como bruxa nascida-trouxa ("sangue-ruim" na voz social dos conservadores), leva a entender, por pressuposição, sua identidade racial (e o quanto isso a incomoda, a ponto de alisar o cabelo para atender a determinado padrão de beleza: branco, liso e comportado).

Além disso, elementos como seu ativismo em prol da libertação da escravização dos elfos domésticos e seu posicionamento axiológico em horizontalidade com duendes, elfos, entre outros, a coloca em nível de igualdade com uma minoria mágica. A conjunção desses elementos nos revela, pela arquitetônica da obra, tomada aqui em relação com o solo social (a literatura entendida como reflexo e refração das configurações vividas), que Hermione Granger, também como um signo, objeto das trocas verbais cotidianas, passe a ser compreendida como uma personagem negra, o que nos permite perceber esse gesto compreensivo a partir da articulação de signos socialmente associados à negritude e à trajetória da luta negra (ativismo político, cabelos crespos, sofrer preconceito por ser uma nascida-trouxa, etc.).

[11] Como Belatriz, Hermione também é, reiteradamente, marcada pelo tom de voz. No caso, "mandão". No patriarcado, basta uma mulher se impor e ser incisiva para ser considerada autoritária. As ordens dos homens, sejam quais forem, não são assim classificadas. Isso denota mais um preconceito de gênero.

De alguma forma, tanto Hermione quanto Belatriz são, ao mesmo tempo, empoderadas diante da maioria das personagens, grande parte do tempo, sujeitos que se posicionam no mundo de maneira ativa por seus atos e também obedientes/submissas, respectivamente, ao protagonista e ao antagonista, o que reforça o valor machista de que "por trás de um grande homem, sempre há uma grande mulher".

O patriarcado capitalista aceita (ou tolera) o empoderamento da mulher (negra e de "sangue ruim", inclusive – caso de Hermione, discriminada tanto por sua condição genealógica, ser sangue ruim, quanto por sua negritude, a ponto de alisar os cabelos e ainda por sua inteligência e sagacidade, mesmo sendo o conhecimento o elemento que garante sua competência e faz com que os demais a aturem em Hogwarts, ainda que a designando de maneira pejorativa como uma "irritante sabe tudo"), desde que ela esteja a serviço do macho dominante, com sua hegemonia branca e provedora.

Identidades e alteridades enunciadas

As identidades dos sujeitos se constroem, calcadas no Círculo bakhtiniano, na e pela relação de alteridade, ou seja, na constituição concomitante do "eu" e do "outro": o "eu" é o que ele vê de si mesmo, como seu outro (interno); além de ser, também, o que o "outro" (externo) vê dele; e ainda o que ele vê do "outro" (interno e/ou externo). A essas relações, Bakhtin chamou, respectivamente, em *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010), de "eu-para-mim", "eu-para-o-outro" e "outro-para-mim".

A filosofia bakhtiniana, diferente de outras teorias modernas, centra-se na alteridade para a compreensão da construção da identidade. O foco, para o Círculo, não se volta à ferida narcísica freudiana do ego, por exemplo, mas sim no que o "outro" constrói, com seu dizer (por meio da linguagem), sobre o "eu", logo, uma imagem (identitária) do "eu" formada pelo "outro" (alter). Em outras palavras, a abordagem bakhtinana se volta à alteridade para pensar a(s) identidade(s).

O "outro" é o centro nevrálgico de composição do "eu": o "eu" é para o "outro", a partir do "outro", pela voz do "outro". Nesse sentido, o "eu" pode ser muitos, pois ele se constitui de diversas imagens construídas por vários "outros" com os quais se relaciona. Desse ponto de vista, o jogo, o embate, enfim, o diálogo entre "eu"-"outro" é

o que importa, uma vez que os sujeitos não se constituem de maneira estanque e petrificada. Axiologias podem mudar porque as relações não são cristalizadas, mas histórico sociais. Opiniões podem mudar. Não somos sempre os mesmos, a linguagem não é perpétua, assim como a análise aqui empreendida é apenas um ponto de vista.

Em *Harry Potter*, as personagens Hermione e Belatriz se encontram situadas em um dos lados do embate entre "bem" e "mal". Todavia, esses lados se constituem como distintos na relação dinâmica que estabelecem um com o outro. Os valores associados ao "bem" na série se constituem na relação que estabelecem com os valores considerados "maus". Hermione, por exemplo, pode ser considerada, por alguns, em determinados momentos, "chata", "irritante", "pedante" por ser uma mulher inteligente e, ao mesmo tempo, "amiga" em outros momentos, seja pelos mesmos sujeitos, seja por outros, quando usa seus conhecimentos para solucionar enigmas essenciais na saga. Rony é um exemplo de sujeito que muda de opinião sobre ela, a depender da situação. De todo modo, ela se faz presente de forma ativa, sempre. O mesmo elemento, a inteligência e o uso do conhecimento, é que varia de valoração. Isso demonstra o quanto um mesmo elemento e um mesmo sujeito pode modificar as valorações que imputa sobre um outro elemento ou sujeito. Por isso, para analisar a questão da identidade-alteridade é necessário considerar o enunciado situado, na relação com outros.

A relação "bem-mal", consolidada semanticamente no decorrer da série literária, constitui-se na interação de um lado com o outro, sendo os valores consolidados por expressões linguísticas reveladoras das axiologias que os signos carregam.

Assim como na vida, no objeto estético, a atmosfera sócio ideológica do enredo é tensa e a constituição dos sujeitos e seus posicionamentos é complexa e contraditória, pois, como dissemos, valores podem mudar. As identidades, construídas pelas alteridades, sujeitam os valores às interações. Com isso, lealdades, redenções, valores do "bem" e do "mal" variam, sobretudo compreendidos pelo nó raça, gênero e classe/grupo, como é o caso aqui, com Belatriz Lestrange e Hermione Granger.

Belatriz Lestrange: força militar e submissão passional

Belatriz Lestrange é uma bruxa sangue puro da família Black. Como já mencionamos, os Black são conhecidos, como os Malfoy, como tradicionais e ricos. A

maioria de seus membros compartilha a ideologia da supremacia sangue puro e aqueles que a rejeitam são excluídos do núcleo familiar, como é o caso de Sirius Black (padrinho de Harry) e Andrômeda Black, entre outros.

Belatriz foi casada com Rodolfo Lestrange, outro bruxo sangue puro ("casamento belo e respeitável", como valorado pela sociedade bruxa conservadora), e ambos foram fiéis Comensais da Morte de Lord Voldemort. Belatriz é defensora da supremacia bruxa e discrimina, tortura e mata os sujeitos pertencentes a outras minorias mágicas, bem como aqueles que considera "traidores do sangue", ou seja, bruxos sangue puro que se aliam aos bruxos nascidos-trouxa. Os valores puristas a constituem.

Contraditoriamente, em nome desses valores, Belatriz é subserviente a Voldemort, um bruxo que, por um lado, defende a supremacia sangue puro e, por outro, não se enquadra nesse padrão, uma vez que é mestiço[12]. Belatriz é uma das generais do exército de Comensais da Morte. Ela comanda o grupo porque possui a mais alta patente do exército e assume a liderança de suas ações com outros comensais. Impiedosa, ela age para mostrar seu poder (no mundo dos homens, posiciona-se sob a sua lógica). A única pessoa e as poucas ordens que obedece vêm de Voldemort.

Belatriz se destaca perante os outros sujeitos do grupo, a grande maioria composta por homens brancos. Ela é a única mulher no exército de confiança de Voldemort. Seu destaque ocorre justamente pelas marcas de gênero. Ser mulher é motivo de desdém (no caso de Hermione, pelo cabelo e os dentes que revelam sua etnia negra, assim como por ser sangue ruim; e, no caso de Belatriz, por sua voz "estridente", que remete à histeria – estudada por Freud como patologia – e à demonização). Qualquer elemento é motivo para desconfiança, discriminação, pilhéria e desdém, o que caracteriza machismo pela diferença de tratamento entre gêneros.

Para uma mulher ser respeitada no mundo patriarcal é necessário ser a melhor em tudo o que faça, seja de que lado for (como defensora do "bem", caso de Hermione;

[12] Embora Voldemort seja um bruxo mestiço (filho de pai trouxa e mãe bruxa), motivado por sua busca pelo poder, ele constrói um discurso de recalcamento de suas raízes trouxas. Muda até o seu nome para renegar sua genealogia. O vilão tem como um de seus ancestrais Salazar Sonserina, um dos fundadores de Hogwarts e principais defensores da supremacia sangue puro. Além de Salazar, podemos destacar a família materna de Voldemort, a família Gaunt, reconhecida por ser sangue puro e conservadora, mas decadente, pois destituída de poder econômico. Como vemos ao longo da história, quando isso ocorre, a única coisa que resta a esses sujeitos é viver do *status* de outrora, o que é sustentado pela ideia de tradição. Daí, o orgulho de seu sangue puro.

ou como defensora do "mal", caso de Belatriz). Hermione é a melhor aluna, a mais inteligente; e Belatriz, a melhor militar, com maior patente. Uma em defesa da vida e dos direitos humanos; a outra, pelo poder (sem se aperceber que defende quem a discrimina e usa). Apesar de todo o preconceito sofrido (talvez, exatamente por isso), elas se destacam (com dedicação além dos demais para que sejam aceitas). Mesmo assim, nada garante respeito, pois, como descreve o narrador (excerto 1): "Vários Comensais da Morte **riram**; **uma voz estridente de mulher**, no meio das figuras sombrias à esquerda de Harry, disse triunfante: - O Lorde das Trevas sempre tem razão!". (ROWLING, 2015, volume cinco, p. 633, grifo nosso).

A mulher é descrita como "estridente" ("voz estridente de mulher"), o que remete à ideia de histeria freudiana, de irritabilidade, de que mulher se caracteriza por ser acima do tom, gritante, excessiva, incômoda, "louca"[13], passional e isso se confirma na sequência (excerto 2): "Mais Comensais da Morte **riram**, **embora a mulher risse mais alto que todos**" (ROWLING, 2015, volume cinco, p. 634, grifo nosso). O riso alto dos homens é naturalizado como "típico" traço de masculinidade. Já a risada de Belatriz é julgada (atentemo-nos à construção adversativa do tópico frasal).

A voz social revelada nesse excerto remete à condenação social que o conservadorismo e a tradição fazem com as mulheres, educadas e cobradas a serem bem comportadas (isso significa falar e rir baixo, ser comedida, discreta, vestir-se com roupas sóbrias – sem decotes, fendas, com comprimento "adequado", tecidos e modelos considerados clássicos – nada de rendas ou transparências etc). Tudo o que Belatriz não é, o que rejeita, a que responde. Nesse sentido, seu comportamento provocativo a demoniza e, se por um lado, a empodera, por outro, a condena. A ruptura com uma imagem de mulher socialmente desejável (hoje de volta à moda, protagonizada pelas primeiras damas Marcela Temer e Michele Bolsonaro, instigada pelas igrejas e outros aparelhos ideológicos, denominada pelas qualificações "bela, recatada e do lar") caracteriza Belatriz como uma mulher empoderada e, nesse aspecto, feminista (o que é contraditório é o seu comportamento submisso a Voldemort, como mostraremos).

[13] A caracterização da Belatriz nos filmes remete a essas mesmas valorações: o jeito de olhar, a voz aguda estridente, com risada alto, provocativa e irritante, a vestimenta, sempre negra, esvoaçante, decotada, com botas de salto, o olhar arregalado que encara de frente, sem se desviar e os cabelos, muito negros e longos, desgrenhados, compõem um visual que remete à "loucura" ou, pelo menos, à não obediência, a um comportamento não-padrão, em oposição ao bem comportado e contido visual de Hermione.

O que é motivo de crítica na sociedade patriarcal (mulher que ri e fala alto não é "recatada", pois "não sabe se comportar") também caracteriza a mulher que se posiciona como um sujeito que não valoriza essas regras e, por um lado, coloca-se como bem quer (essa é a desobediência à tradição que tanto defende como aristocrata, sem se aperceber acerca da contradição que a caracteriza), assim como, por outro, utiliza a ruptura com as regras para adentrar o universo dos homens (não criticados por rirem e falarem alto, sem dar espaço, visibilidade ou ouvido às mulheres, que devem apenas escutar caladas e obedecer às ordens deles). Belatriz utiliza as mesmas regras patriarcais de comportamento para se impor como mulher. Incorpora o machismo que nega. Para se colocar nesse mundo, mais do que se comportar igual, a mulher tem que ser "mais" (excessiva, melhor), deve se destacar – falar e rir mais alto (para ser ouvida). A questão é como essa visão contraditória a caracteriza/define, condenando-a de todo modo.

Não é a coragem de se colocar, o jeito provocativo de se portar, rir e dizer o que pensa que fica salientado na narrativa, mas o tom estridente de sua voz, o volume de seu riso histérico e isso adquire um valor de desajuste, destempero e inconveniência.

A marcação de gênero também está presente no confronto de Belatriz com outros homens – como ocorre em seu duelo com Fenrir Greyback, outro Comensal da Morte (excerto 3). Nesse caso, a sua competência (sua força) e falta de escrúpulos são destacados para demonstrar poder: "[...] **embora fossem quatro contra uma**: Harry sabia que era uma bruxa com **prodigiosa habilidade e sem escrúpulos**. Os homens tombaram onde estavam, todos, exceto Greyback [...] - Como ousa? – rosnou ele [...]. – Solte-me, **mulher**!" (ROWLING, 2015, volume sete, p. 337-338, grifo nosso).

No duelo com Greyback, o gênero aparece como uma marca de diferença, com destaque para a força de Belatriz. O artigo indefinido "um" se destaca pela sua forma utilizada no feminino, "uma". Ainda em sua interação com Greyback, o mesmo se dirige a Belatriz pela palavra "mulher", utilizada como vocativo, como forma de discriminação pela posição genericamente superior do oponente (homem).

A força de Belatriz é reconhecida pela sua violência e sadismo "sem escrúpulos". Assim, ela se configura como uma mulher que "mete medo" (não necessariamente respeito – conforme os excertos 1, 2 e 3).

De todo modo, a força (valor positivo geralmente atribuído aos homens, em especial, aos heróis), como característica de Belatriz, por um lado, é descrita como algo

negativo (dado o abuso da violência que leva ao poder por meio do medo à tortura e à morte) e, por outro, coloca a personagem em confronto com valores, no patriarcado, tradicionalmente atribuídos à mulher, tais como "fragilidade" e "docilidade".

Há, nesse último sentido, reflexo e refração acerca da construção de uma imagem de mulher: Belatriz não é uma princesa passiva, que necessita da força e da ação de um homem para lhe salvar, incapaz de agir por si mesma e de se defender. Não. O signo de Belatriz, desse ponto de vista, rompe com as imagens e os valores que, no senso comum, são atribuídos à mulher e, do ponto de vista do ato, Belatriz é caracterizada, em certa medida, como uma mulher empoderada: uma líder aterrorizante.

A lealdade de Belatriz a Voldemort é narrada como uma relação de admiração quase doentia, que beira a idolatria (excerto 4) e a subjuga: "- Milorde... *milorde*... **Era voz de Belatriz, como se falasse a um amante** [...] Vários Comensais da Morte se afastavam depressa dele [...]. **Somente Belatriz continuou ali, ajoelhada ao lado de Voldemort**" (ROWLING, 2015, volume sete, p. 526, grifos da autora e nossos).

Se a força empodera Belatriz, a passionalidade (há indicações de que Belatriz ama Voldemort, por isso a ele se dobra) a torna subserviente. O amor idólatra que sente a torna submissa e a objetifica (porque Voldemort a usa). No excerto 4, o vilão é referenciado pela bruxa como "milorde" (que ganha um destacamento gráfico, pelo itálico na edição impressa, para denotar a entoação de sussurro da personagem). A escolha pelo pronome de tratamento revela respeito e vassalagem, o que é confirmado pela posição corpórea de Belatriz diante de Voldemort, ajoelhada.

A afetividade servil é um traço de Belatriz na relação com Voldemort. Esse traço, constante ao longo de toda a obra, diminui Belatriz. Se a força refrata uma imagem de mulher autossuficiente, ativa, independente, a passionalidade idólatra reflete uma imagem de submissão e objetificação. Essa ambivalência revela uma contradição entre racional e passional, negação de um modelo de imagem de mulher e sua reprodução. Se, de certa forma, a força e a agressividade (tipicamente consideradas características positivas nos homens), por um lado, empoderam Belatriz, a subserviência passional a subjuga. De certa forma, o mesmo ocorre com Hermione. A diferença é que a força em Hermione é a inteligência e a subserviência, a amizade e a maternidade.

A força dos atos de Belatriz, de certa forma, é uma tentativa de destaque para sua aceitação e respeito sociais, assim como para a possibilidade da recíproca amorosa e

do reconhecimento de seu valor, suplicado (de joelhos) por ela a Voldemort. Os demais não importam. Ela ri e fala mais alto que todos, rompe com as regras e não se importa com o que pensam e falam dela, mas Voldemort, não. A relação com ele é diferente. E a diferença se encontra no teor passional dessa relação, aparentemente unilateral.

A subserviência que implora atenção a Voldemort e se contenta com sua simples presença, sem qualquer gesto de respeito, reciprocidade ou mesmo visibilidade e virilidade aparece ao longo de toda a narrativa. Um outro exemplo (excerto 5): "- Milorde – disse uma mulher morena na outra metade da mesa, **sua voz embargada pela emoção** – é uma honra tê-lo aqui, na casa de nossa família. **Não pode haver prazer maior.** (...) **enquanto Narcisa sentava-se dura e impassível, Belatriz se curvava para Voldemort**" (ROWLING, 2015, volume sete, p. 15, grifos nossos).

No trecho (5), a contraposição entre Belatriz e Narcisa Malfoy, sua irmã, destaca a afetividade da relação entre Belatriz e Voldemort. Enquanto Narcisa conserva a postura dura e impassível, Belatriz se curva para Voldemort. Curvar-se significa submeter-se, colocar-se em posição servil. Ainda nesse trecho (5), a adjetivação da voz de Belatriz em sua interação com Voldemort revela sua passionalidade, em contraposição a outros momentos em que, em interação com outros sujeitos, a voz da personagem é qualificada como "voz autoritária e arrogante".

Um último exemplo (excerto 6) do quanto uma mulher tão forte e, de certa forma, empoderada é colocada como servil quando se trata da esfera passional é o fato de ela implorar, chorar, humilhar-se e se jogar aos pés do vilão que idolatra: "- Milorde, sinto muito, eu não sabia, eu estava lutando com o animago Black! – **soluçou Belatriz, atirando-se aos pés de Voldemort** (...)" (ROWLING, 2015, volume cinco, p. 658).

A contraposição evidenciada pela voz de Belatriz quando interage com Voldemort e com outras personagens, assim como a postura de seu corpo, valoram a ambivalência do signo mulher representado por Belatriz no horizonte ideológico da enunciação, como postulado por Volochínov (2009; 2013), que versa sobre o fato de que a relação "eu-outro" determina os tons apreciativos dos interlocutores e revela os reflexos e refrações sociais, no caso, voltados à mulher (branca, militar e aristocrata).

A lealdade e a admiração a Voldemort e aos valores defendidos pelo bruxo constituem Belatriz. Por um lado, para se impor socialmente, ela se coloca ativa e a melhor do seu grupo. Não se submete a nada nem a ninguém, a exceção de Lord

Voldemort, por quem tem uma relação passional hierárquica. A paixão da idolatria a coloca como segundo sexo e, de acordo com os valores que prezam, mesmo sendo superior a Voldemort (uma vez que ela é sangue puro e ele é mestiço), Belatriz se submete a ele e se objetifica. Nessa relação, a subordinação do gênero impera sobre a questão racial e Belatriz admite até a anulação de seu ser (sua força e liderança). Nesse sentido, o empoderamento de sua personalidade se esvai e ela se porta, com Voldermort, como uma serviçal, humilhada, implorando reconhecimento (e, talvez, amor).

Hermione Granger: amiga-mãe mulher

Hermione Granger está posicionada do lado oposto a Belatriz com relação aos valores "bem" e "mal" da narrativa, mas ambas pertencem ao mesmo grupo, se considerarmos como norte, especificamente, as questões de gênero.

Junto com Rony e Harry, Hermione luta contra o autoritarismo purista de Voldemort. Ela é descrita e se destaca como uma das estudantes mais inteligentes de Hogwarts. Sua força é o conhecimento. Por se mostrar inteligente e estudiosa, por vezes é valorada como "arrogante", "mandona", "metida" e "sabichona" pelos colegas, o que denota preconceito de raça (como já dissemos, Hermione tem traços afro e é "sangue ruim"), de gênero (mulher) e de classe (ela pertence à classe média. Não tem grandes problemas financeiros, mas também não pertence às castas do mundo bruxo. Seus pais, "trouxas', são dentistas no mundo humano, profissão desconhecida no mundo mágico).

Ao se destacar pela inteligência é avaliada socialmente como uma "intragável sabe-tudo", como expresso por um dos professores de Hogwarts (Snape, o temido professor de poções, narrado de maneira ambígua, visto ao longo da obra inteira como um enigma acerca de quem é e a quem serve) e, ao mesmo tempo, como "a bruxa de treze anos[14] mais inteligente que já conheci", como apontado (com tom de elogio que revela discriminação e diferença) por muitos bruxos (como Remo Lupin, outro

[14] A diferença etária entre Belatriz e Hermione é significativa. Se esta, mais velha (por volta de seus 40 anos), representa uma mulher madura, com uma postura incisiva de quem sabe o que quer; aquela, adolescente, simboliza uma menina-mulher, insegura, na descoberta de si – Hermione, como Harry, vai crescendo ao longo da narrativa. De criança passa à vida adulta e vive todos os dilemas da infância e da adolescência no decorrer da obra. Não adentramos aqui essa questão por falta de espaço para uma discussão vertical, como ela pede. Apenas sinalizamos para que não nos esqueçamos de sua importância quando tratamos das imagens de mulher construídas na obra pottermoreana.

professor, amigo dos pais de Harry e integrante do grupo dos marotos, entre outros). Até mesmo seu maior poder a coloca de maneira ambivalente.

Como Belatriz, mesmo que com outros valores, Hermione também é signo de contradição, pois empoderada e, ao mesmo tempo, submissa, em especial, pela obediência e incorporação de dois cânones de mulher rejeitados por Beauvoir (2009), pois criados pelo patriarcado, calcados em argumentos criacionistas (a divindade) e biológicos (instintivo e natural), para objetificar a mulher: a noção de mãe (considerada pelo sendo comum, sustentada pelas religiões, como o "maior bem", o "grande desejo" de uma, melhor, como dito, "de toda" mulher); e a de amiga-conselheira (que acolhe e aceita tudo – visão distorcida e romantizada sobre amizade).

A força de Hermione não é pelo domínio das artes das trevas na hora da luta, como é o caso de Belatriz, mas sim pelo conhecimento de feitiços contra as artes das trevas. Enquanto Belatriz é sádica e conhecida por sentir prazer em torturar os inimigos – como fez com os pais de Neville, Hermione não suporta ver o sofrimento degradante do outro – caso de Neville, que passou mal ao aprender sobre a maldição imperdoável utilizada por Belatriz ao matar seus pais. Hermione não se comporta como desobediente das regras conservadoras, especialmente ao que tange às mulheres, ao contrário, desse ponto de vista, é bastante comportada e tradicional – até, de certa forma, corresponde a uma "princesa". Ela é mais comedida e controlada. Insegura e em busca de aceitação, até se submete, seja por, no baile, alisar o cabelo e escolher um vestido muito parecido com o de uma princesa – tanto que há muitos anúncios para compra ou aluguel de roupa de "vestido de Hermione" para noivas, bailes e aniversários, classificado como "vestido de princesa"; seja, ao temer punições, em caso de subversão das regras existentes.

Um dos preconceitos associados aos bruxos nascidos-trouxas é a crença de que esse grupo de alunos não se sairá bem nos estudos, dada a sua condição genealógica, uma construção social discriminatória colocada em xeque pela postura de Hermione. Um exemplo (excerto 7) do preconceito genérico, hierárquico e racial sofrido por ela é a fala do professor Horácio Slughorn (professor vaidoso que se gaba por ter alunos que se destacam no mundo bruxo em sua prateleira; sem escrúpulos, pois, ligado ao mercado negro, comete pequenos furtos e contrabando; e, esconde o maior segredo de Voldemort: o feitiço das horcrux, que dividiu a alma do bruxo das trevas em 7 partes, para que, de certa forma, tentasse a imortalidade): "- Sua mãe, naturalmente, nasceu

trouxa. Não consegui acreditar quando soube. **Eu achava que devia ser puro-sangue, era tão inteligente!**" (ROWLING, 2015, volume seis, p. 55, grifo nosso). A desenvoltura de Hermione e a fala de Horácio (7) revelam a insustentabilidade da construção valorativa da inteligência como atributo exclusivo dos bruxos sangue puro.

A "arrogância" atribuída a Hermione também é constituída pelo seu lugar social e pela sua etnia (bruxa negra nascida-trouxa), uma vez que quebra com as expectativas sociais atribuídas ao seu grupo, que, segundo o conservadorismo, é considerado "inferior" e deve se comportar como tal, como é valorada por Draco Malfoy ("sangue-ruim metida a besta"). Assim, o inconformismo e o ataque a Hermione não é pessoal, mas revela uma voz social preconceituosa que não aceita rupturas no sistema hierárquico. Hermione representa a ousadia de uma mulher negra e de classe média se destacar. Não pode brilhar. Isso é demais. É como a empregada ter direitos, andar de avião e usar perfume importado. Para essa mentalidade tacanha, sucesso só é possível a um determinado grupo (de homens brancos pertencentes à classe dominante) e a simples existência, da maneira como ocorre (com destaque) de Hermione em Hogwarts, de certa forma, demonstra a fragilidade desse valor. Ela é atacada não por ser considerada ameaçadora, como ocorre com Belatriz (que é temida por sua crueldade ao usar seu conhecimento), mas sim por ousar estar fora do lugar onde colocam todos que ela representa: um lugar de exclusão, escravização, invisibilidade, submissão e exploração.

Por preconceito e discriminação, tanto de gênero quanto de raça e classe, Hermione é alvo de denominações como "sangue-ruim" ou ainda "sujeitinha de sangue-ruim", bem como sofre violências e sanções decorrentes desse sistema de valores (é caçada, sequestrada e torturada pelos Comensais da Morte).

Oposta a Belatriz, dadas as condições sociais e étnicas, Hermione se engaja em causas em defesa da liberdade e da justiça (faz campanha contra a escravidão e a exploração dos elfos domésticos, por exemplo) e ao se enquadrar também como parte de uma minoria política mágica, reafirma essa posição e ressignifica a expressão "sangue-ruim", valorando-a positivamente (excerto 8): "E sou caçada do mesmo modo que um duende ou um elfo, Grampo! **Sou uma sangue-ruim!** [...] **Sou sangue-ruim com muito orgulho!** [...]" (ROWLING, 2015, volume sete, p. 357, grifo nosso).

Como proposto por Volochínov (2009), o signo não é neutro. Ao contrário. Seu caráter é, sempre, ideológico. A expressão "sangue-ruim", bem como a palavra

"mestiço", preenchem funções sociologicamente determinadas no decorrer de toda a narrativa. As mesmas podem ser enunciadas em tom de orgulho e com valor positivo, por sujeitos como Hermione e Severo Snape (autointitulado "príncipe mestiço"), como podem ser constituídas pelo tom preconceituoso e de inferioridade, como nas vozes sociais de Belatriz, Draco e Lúcio Malfoy, entre outros. Tal diversidade de significações incutidas na palavra nos demonstra o seu sentido vivencial, enquanto produto da interação entre sujeitos socialmente organizados (VOLOCHÍNOV, 2009). O movimento de reflexo e refração das configurações experienciadas nos remete à constante luta pelos sentidos das identidades de minorias políticas no mundo contemporâneo ("positivação" de signos como negritude, feminino, entre outros).

Além de seu lugar social, como uma bruxa nascida-trouxa; e racial, caracterizada por traços afro (como já dito, marcado pela descrição do cabelo e dos dentes); Hermione também reafirma sua posição como mulher ao questionar a reprodução de determinados papeis de gênero, tais como: fazer comida, cuidar dos homens e da casa. Um exemplo (excerto 9) é o de que, numa interação entre Hermione, Harry e Rony, a bruxa destaca que sempre tem que cuidar da alimentação do grupo, justamente por ser "menina": "- Harry apanhou o peixe e eu fiz o melhor que pude! **Estou notando que sempre sou eu que acabo resolvendo o problema da comida; porque sou uma *menina*, suponho!**" (ROWLING, 2015, volume sete, p. 218, grifo da autora e nosso).

Hermione coloca em xeque a função atribuída à mulher pelo machismo, que naturaliza o espaço doméstico como lugar da mulher (SAFFIOTI, 1987), ainda que a obedeça (questiona, mas faz a comida e cuida dos amigos homens). Esse não é o único momento em que o questionamento acerca do que é ser mulher e homem aparece na obra. Hermione se contrapõe a Harry e Rony (excerto 10), por exemplo, ao defender que o príncipe mestiço (pseudônimo do professor Severo Snape) poderia se referir a uma mulher: "- Escute aqui, Hermione, sei que não é uma garota. Simplesmente sei a diferença. / - **A verdade é que você acha que uma garota não seria inteligente o bastante** – retrucou Hermione, zangada" (ROWLING, volume seis, 2015, p. 389).

O embate entre Harry e Hermione acerca do que significa ser mulher colocado nesse trecho (10) é bastante significativo, pois Harry acredita, a partir de seu lugar social de homem, que o príncipe mestiço, até então persona desconhecida por eles, é um homem, uma vez que o príncipe é inteligente e se destaca no conhecimento da magia. O

argumento vazio revela a naturalização da superioridade masculina sobre a feminina: "Simplesmente sei a diferença". Diferença não verbalizada, mas subentendida.

Essa estratégia discursiva do não precisar explicitar recorre ao cânone social. Fica tão "óbvia" (naturalizada) a supremacia dos homens sobre as mulheres que nem é preciso afirmar nem argumentar, pois "todo mundo" sabe.

A voz social veiculada por Harry é a do patriarcado. Hermione se contrapõe ao discurso de que as mulheres são menos inteligentes, com raiz na ideologia de inferiorização das mulheres (SAFFIOTI, 1987), dado o seu lugar genérico de fala (mulher) e de classe/grupo não prestigiada/o. A própria Hermione nega o absolutismo afirmado por Harry, uma vez que é uma mulher inteligente, que quebra a expectativa dessa lógica vazia. O embate entre os dois nos remete ao fato de que, na cultura machista, a genialidade é sempre atribuída aos homens (e, tendo em vista o nó proposto por Saffioti (1987), homens brancos, com determinado pertencimento social).

Em sua relação com Harry (homem mestiço rico) e Rony (homem sangue puro pobre), Hermione desempenha a função subalterna por ser mulher, negra, sangue ruim e de classe mediana. Nesse nó, as questões de gênero (homens sobre mulher) e classe (dominante sobre dominados) se sobressaem, nesta ordem, à raça (brancos – mestiço e sangue puro, respectivamente – sobre negra e sangue ruim).

A melhor amiga do protagonista é, muitas vezes, a heroína do enredo, pois é ela quem desvenda os enigmas, em decorrência de seu conhecimento, ainda que não ganhe as honras por isso, pois o reconhecimento recai sobre Harry.

Hermione desempenha ainda o papel de compreensiva com os dilemas dos homens (seus amigos) e de conselheira de Harry e Rony, portando-se como mãe deles. A ideia de que mulher nasceu para ser mãe e de que os homens não sabem se virar sem uma mulher que cuide deles, recai sobre Hermione, pois cuida de Harry e Rony (manda fazer os deveres, comer, aconselha, lembra as regras da escola, manda ir dormir, acorda pela manhã etc.). O tom materno assumido por Hermione em sua relação com Harry e Rony reflete e refrata a perspectiva e a apreciação dos garotos para com a amiga, cuja avaliação se inter-relaciona com a apreciação social dos colegas de turma sobre Hermione e dos homens sobre as mulheres, no horizonte axiológico do mundo.

A entoação valorativa acerca do sujeito Hermione estabelece qualificações dos dizeres sobre a personagem. Exemplos: "tom de voz mandão", "tom quase tão severo

quanto o da Profª McGonagall[15]", "ar de mandona", "tom superior", "tom ligeiramente histérico", entre outros. Esses acentos sociais valoram as relações de gênero de maneira simbólica e ainda que Hermione, como Belatriz, por um lado, contraponha-se aos estereótipos ligados socialmente às mulheres; por outro, é caracterizada com valorações machistas, geralmente atribuídas às mulheres: histeria, incisão e assertividade entendidas como rigidez, inflexibilidade, chatice.

A ambivalência que constitui Hermione aparece no jogo submissão e autonomia. A personagem segue a liderança de Harry e também reivindica seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017). Essa reivindicação de tomada de voz ativa é apreciada pelo protagonista (excerto 11) de maneira pejorativa (talvez, se a perspectiva fosse a de uma outra voz, esse ato fosse valorado positivamente): "- Não vou me acalmar! – berrou ela. **Nunca antes ele a vira se descontrolar daquele jeito; parecia enlouquecida**. – Devolva a minha varinha! Devolva já! / - Hermione, por favor... / - **Não me diga o que fazer, Harry Potter"** [...] (ROWLING, 2015, volume sete, p. 281, grifo nosso).

As valorações imputadas por Harry a Hermione, do mesmo modo que faz com Belatriz, remetem a uma concepção machista de mulher: "descontrolada" e "enlouquecida" por se colocar como sua igual, sem aceitar se submeter às suas ordens[16].

[15] A comparação entre Hermione e a professora McGonagall, tomada como voz autoritária, é pejorativa e só ocorre dessa maneira porque as duas bruxas são mulheres. McGonagall é a professora que mais protege Harry (há trechos em que ela até se comporta, como Hermione, como mãe dele), mas é colocada como "severa". Dumbledore, por exemplo, é muito mais autoritário e, ao mesmo tempo, permissivo com riscos à vida de Harry do que McGonagall, que tenta, inclusive, superprotegê-lo. Dumbledore chega a ser perverso com Harry, utilizando-o como instrumento contra Voldemort, mas não é questionado. Ao contrário. É ovacionado como o grande protetor de Harry, de Hogwarts e do mundo bruxo. Isso se deve ao seu lugar de fala de homem branco e com poder (ele é o diretor da escola, autoridade máxima naquele espaço social), enquanto McGonagall é uma professora (ainda que seja a diretoria da Grifinória, sua voz não é tão ouvida – como a de Snape, por exemplo, que, mesmo com sua postura enigmática, quase que dúbia, durante toda a narrativa, é mais empoderado que McGonagall).

[16] Neste artigo, nós nos propomos a analisar Hermione e Belatriz nas relações que possuem entre si e com Harry e Voldemort, mas não podemos deixar de mencionar que a relação que Hermione possui com Rony, a outra vértice do triângulo de protagonistas da obra, é diferente e também tem a ver com a paixão, como Belatriz com Voldemort. Hermione se rebela e se afirma contrária às ordens de Harry, mas obedece às ordens de Rony, chegando a se submeter a ser "garota de recados" dele a Harry, quando os dois brigam (no livro *Cálice de Fogo*). Na relação que possui com o amigo, ela consegue questionar suas ordens em alguns momentos (mesmo ele sendo o líder do grupo) e se negar a obedecer. Na relação passional com Rony, não, ela obedece, mesmo reclamando. Se pegarmos a relação de Hermione com Rony, de outra maneira, mais simbólica, a vassalagem ocorre como com Belatriz em relação a Voldemort. A diferença se encontra na sutileza da narração. Sem nos esquecer que a narrativa tem o acento apreciativo de Harry, a subserviência de Hermione com o amigo, Rony, é amenizada pelo discurso apreciado por Harry, enquanto que, com Belatriz, membro do grupo inimigo, a valoração é impiedosa e detalhista. Belatriz se submeter a Voldemort da maneira como é narrada denota uma relação obsessiva masoquista, mas Hermione se submeter a Rony é pouco destacado e quase que naturalizado para passar despercebido. A postura de

Saffioti (1987) trata desse estereótipo ao relacioná-lo simbolicamente ao mito machista de oposição entre o "homem racional" e a "mulher emocional", o que se sobressai na obra pottereana, tanto na construção da identidade de Hermione quanto na de Belatriz, compostas na relação que possuem com o protagonista e o antagonista da obra.

Considerações Finais

A breve reflexão aqui empreendida não pretendeu esgotar as possibilidades de análise e de sentidos da obra pottereana, mas trouxe à baila o quanto as vozes sociais, colocadas como construções das personagens, são constituídas em um movimento dialético-dialógico (PAULA, FIGUEIREDO e PAULA, 2011) de identidade-alteridade no enunciado literário que, com sua arquitetura estética, materializa embates (aqui analisados os de raça, gênero e classe/grupo), configurados na estrutura específica do romance em função de um eixo narrativo.

Por meio da breve análise de Hermione e Belatriz, tomadas como signos, pudemos pensar sobre as valorações contraditórias incutidas nas imagens de mulher(es) construídas no texto de Rowling tendo como base, por um lado, o nó indissociável racismo-patriarcado-capitalismo proposto por Safffioti (1987) e, por outro, a relação de enunciado com seu horizonte ideológico, entendido o romance como reflexo e refração social, tal qual propõem os estudos do Círculo de Bakhtin.

A complexidade da narrativa revela, em seu todo semântico, uma multidão de fios ideológicos que constituem as vozes sociais dos sujeitos, agrupados entre os lados do "bem" e do "mal" no romance. As valorações das mulheres analisadas (e de toda a narrativa) perpassam o sujeito Harry Potter e, a partir do seu olhar, revela-se uma dada hibridização (BAKHTIN, 2014), por meio da qual temos uma mutua constituição entre os tons valorativos das personagens e da voz do narrador.

---

mulher como "segundo sexo", em subserviência ao homem, especialmente numa relação amorosa, é a mesma (tanto com Belatriz quanto com Hermione, mesmo que em níveis diferentes). Belatriz só obedece a Voldemort. Hermione, às vezes, não apenas a Rony, mas também a Harry, que se incomoda e a qualifica pejorativamente (como "descontrolada") quando ela se rebela e se nega a isso. O machismo impera hierarquicamente, uma vez que a mulher, ainda que atue de maneira empoderada em algumas circunstâncias, em outras, seja colocada como objeto – inclusive sobre o qual se fala (o que é dito sobre elas vem da boca de um narrador que conta, pela perspectiva de Harry, quem e como são essas mulheres).

Tanto Hermione quanto Belatriz são personagens fundamentais no romance e ressoam vozes ativas e responsivas que se posicionam ora com a quebra de expectativas acerca do que significa ser mulher do ponto de vista conservador e tradicional, ora correspondem ao cânone machista, especialmente ao que se refere à esfera da passionalidade. Hermione e Belatriz constituem imagens contraditórias de mulheres, cada qual com suas configurações raciais e sociais.

Ao mesmo tempo em que são descritas como ativas, com posições estratégicas no mundo bruxo, também assumem papéis estereotipados machistas de mulher: submissas às paixões, com papéis maternos (no caso de Hermione) e objetificadas. Assim, se, por um lado, elas parecem donas de suas vidas e rompem com o consensual, por outro, elas se adequam e sofrem discriminação pelo que conseguem se impor.

Belatriz não é apenas uma fascista. Ela também é objeto do patriarcado que reflete e refrata uma voz de outro grupo que não o do seu gênero. Ao mesmo tempo em que é empoderada num certo sentido e demonizada por isso. Hermione é resistente, mas também é comportada e atende aos anseios patriarcais, tentando se enquadrar. Ambas ainda são o "segundo sexo" estudado por Beauvoir (2009) ao mesmo tempo em q se colocam em concordância com anseios feministas. Cada qual a seu modo, com suas contradições ambivalentes, representa a complexidade de identidades de mulheres.

Hermione e Belatriz agem, mesmo que timidamente quando consideramos os atos de subserviência e humilhação a que se submetem. Impor suas vozes num mundo em que a supremacia do macho alfa impera é um ato de resistência. As contradições revelam os conflitos vividos pela mulher numa sociedade que a nega voz e vez. Trata-se, ao contrário do que prega a tradição bruxa, não da conservação de uma raça, um gênero e uma classe/grupo sobre outras/os; não de uma nascença “superior” ou “inferior”, mas, como afirmou Beauvoir (2009), de se tornar mulher.

Nessa construção de si e do outro, compreender a ambivalência é necessário para a tomada de consciência do quanto há a ser feito para vir-a-ser respeitado, amado e viver de forma livre, em luta incessante. A igualdade de gêneros só será conquistada por atos cotidianos, na relação com o outro e com a transformação sistêmica. *HP* reflete e refrata a urgência da resistência e da transformação político econômico social.

Ao refletir e refratar as contradições que constituem os sujeitos, a obra literária apresenta um ponto de vista sobre a sociedade patriarcal capitalista. Estimular os atos de

subversão, valorados como "bem" a ser conquistado junto à crítica às desigualdades e ao autoritarismo quase nazista (colocados como "mal") que dominam o mundo mágico reflete e refrata um horizonte ideológico que defende o que chamamos de uma sociedade inclusiva em detrimento de uma sociedade excludente, purista, conversadora, calcada na tradição hegemônica hierárquica de um grupo sobre os demais. Se considerarmos a figurativização existente na obra e sua publicação (20 anos atrás, em outro país, a Inglaterra), percebemos o quanto o romance é atual e atemporal, pois esse dilema representa a luta de classes e grupos, desde sempre. Terá solução um dia? Bakhtin/Volóshinov (2009) afirma que o discurso é a "arena de classes onde se digladiam os valores sociais". O embate sem superação revelado pelas forças centrípetas e centrífugas constituem a humanidade historicamente. Resta saber em resposta a quais valores, responsavelmente, queremos lutar, sem apagar nossas contradições e, por meio delas, tomar consciência de nossa condição de sujeitos ativos no mundo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV, V. N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 13ª ed., 2009.

___. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.

___. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2011.

___. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.* São Paulo: Hucitec, 2014.

BEAUVOIR, Simone. *Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador: EDUFBA, 2008.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica.* São Paulo: Contexto, 2012.

PAULA, Luciane de; FIGUEIREDO, Marina Haber de; PAULA, Sandra Leila de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: *Slovo* – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROWLING, J.K. *Coleção Harry Potter*. 7 volumes (1. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; 2. *Harry Potter e a Câmara Secreta*; 3. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; 4. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; 5. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; 6. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*; 7. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*). Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho.* São Paulo: Moderna, 1987.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros ensaios.* São Carlos: Pedro & João, 2013.

Recebido em setembro de 2018

Aceito em novembro de 2018